



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director e Proprietário: — Dr. Manuel Marques dos Santos
 Empresa Editora e Tip. União Gráfica, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa

Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
 Redacção e Administração: Seminário de Leiria

Fátima divino crisol das almas

«Continuam acesas as chamas da Fé em Lourdes, Lisieux, Paray-le-Monial, FÁTIMA
 À doce luz desses santuários providenciais, trabalhemos todos pela consolidação
 do Reino de Cristo, do domínio do Rei de Amor, num Portugal cada vez maior»

*Final da conferência feita pelo sábio lente da Universidade de Lisboa, Snr. Conselheiro
 Abel de Andra le, por ocasião da «Semana da Entronização», realizada em Lisboa, de
 24 a 27 de Junho último.*

Santo António de Lisboa. — O centenário do glorioso taumaturgo. — O rev. José de Castro, apóstolo do centenário. — As homenagens nacionais. — As duas pátrias do Santo. — O padroeiro de Fátima.

Santo António de Lisboa, o grande e glorioso Taumaturgo português, é um dos santos mais extraordinários do agiologio cristão. Ele enche, não só uma pátria, mas o mundo inteiro com o esplendor das suas virtudes e com a fama dos seus milagres. Arca do testamento e martelo das heresias, como lhe chamou um Papa, sábio profundo e santo consumado, orador eloquentíssimo e apóstolo ardente e indefesso, foi a figura mais ilustre e mais admirável do seu século, o século treze que o nome bendito do humilde religioso cingiu duma auréola de glória refulgente e inconfundível.

Brevemente principiarão as comemorações festivas do centenário do digníssimo filho espiritual do grande Patriarca de Assis.

Graças à iniciativa e aos esforços do distinto jornalista, rev. do José de Castro, actual conselheiro da legação de Portugal junto da Santa Sé, que, numa longa, intensa e brilhante campanha na imprensa, encareceu a necessidade de celebrar condignamente o centenário de Santo António, constituiu-se para esse fim uma comissão nomeada por Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca de Lisboa, a que pertencem algumas das figuras mais categorizadas do nosso meio e de que se dignou aceitar a presidência de honra Sua Excelência o Senhor General Oscar Carmona, Presidente da República.

A Itália, onde o apóstolo taumaturgo dispendeu a maior parte da sua actividade e teve o seu passamento na cidade de Pádua, que erigiu em sua honra uma suntuosa basilica e conserva ciosamente os seus preciosos despojos mortais, prepara-se para ter a primazia nos cultos religiosos e nas homenagens cívicas, de carácter nacional, a prestar àquela que ela chama com justo orgulho e piedoso egoísmo Santo António de Pádua.

O nosso brio de compatriotas do Santo, e a nossa gratidão para com ele impõem-nos o dever de procurarmos rivalizá-lo com a rica e poderosa nação latina além Alpes, se não na grandiosidade e imponência, ao menos na sinceridade, no fervor e na universalidade dos preitos consagrados a esse formosíssimo ornamento da in-



JUNHO DE 1930 — JUNTO À CAPELinha DAS APARIÇÕES

signe e benemérita Ordem Seráfica. E mister que a nação inteira, durante o ano do centenário, se levante em peso numa explosão de amor e entusiasmo, para fazer uma apoteose condigna a um dos perso-

nagens mais augustos e mais venerandos da sua história, ao mais santo dos seus sábios e ao mais sábio dos seus santos.

Assim Portugal e a Itália, as duas pátrias de Santo António, o seu berço e o

seu túmulo, dar-se-ão irmanamente as mãos para o pagamento duma dívida colossal a um santo que, mais desses países do que de nenhum outro é ao mesmo tempo do mundo inteiro, porque é um santo eminentemente popular e universal.

Fátima, a Lourdes portuguesa, ufana de o ter como seu padroeiro desde tempos imemoriais, associa-se, de alma e coração às grandiosas homenagens que a pátria e o universo cristão vão render ao fausto santo, que é incontestavelmente uma das mais belas figuras da nossa terra, gigante no saber e gigante na santidade.

As últimas peregrinações paroquiais — Na véspera do dia treze à tarde. — O concurso de peregrinos. — As trovadas da Primavera. — As diversas peregrinações. — A procissão das velas.

No dia vinte e nove de Maio, quinta-feira da Ascensão, veio a Fátima uma peregrinação da freguesia de Santa Catarina da Serra, diocese de Leiria. Pode dizer-se que nela tomaram parte todos os habitantes daquela importante e populosa aldeia. Presidiu à piedosa romagem o rev. pároco, Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, que a-pesar da sua avançada idade e da sua saúde combalida, acompanhou os seus paroquianos e pregou por duas vezes. Foi estreada uma linda e rica bandeira, que representara a scena das aparições. O rev. pároco celebrou a santa missa, a que comungaram todos ou quasi todos os peregrinos. Antes da missa realizou-se a procissão de Nossa Senhora e depois da Missa a procissão do Santíssimo Sacramento, que fez um longo percurso dentro do recinto sagrado, sendo dada no fim a bênção aos doentes que acompanharam a peregrinação.

No dia primeiro de Junho realizou-se a peregrinação comum das freguesias da Batalha e Aljubarrota. Incorporaram-se nela muitos fiéis doutras freguesias vizinhas. Os peregrinos seguiram processionalmente pela estrada distrital, fazendo a piedosa devoção da via-sacra. Em cada uma das estações o rev. pároco, Manuel Pereira Gonçalves, proferiu uma alocução adequada. Esta peregrinação chegou na véspera às dez horas da noite, depois de ter gasto cinco horas no percurso, e retirou-se no dia primeiro à tarde.

No mesmo dia, pela manhã, chegou a Fátima a peregrinação de S. Mamede da Serra, presidida pelo rev. José da Cunha Gomes e no dia nove a de Alcobertas, presidida pelo rev. António Gomes Loureiro

acompanhada pelos rev. Manuel Vicente Caetano, pároco da freguesia das Lapas, e António Mendes, pároco da freguesia da Zibreira, ambas do Patriarcado. Esta última peregrinação promoveu a celebração duma Missa cantada, a que assistiram todos os peregrinos com uma piedade edificante.

No dia doze à tarde, já uma grande multidão formigava na Cova da Iria e nas suas imediações. Na manhã seguinte o concurso de peregrinos aumentou consideravelmente.

Viam-se pessoas de todas as classes e condições sociais, provenientes de todos os pontos do país. Muitos peregrinos percorreram a pé a longa distância que media entre as suas terras e a Cova da Iria.

Desta forma foram a Fátima quarenta pessoas de Ilhavo, que dista cerca de trinta léguas da Lourdes portuguesa. As trovoadas que se desencadearam em diferentes regiões do país nos últimos dias da quinzena fizeram desistir muitas pessoas de ir a Fátima nesse mês. Mas, sem embargo disso, o espectáculo que oferecia o recinto das aparições, que durante a procissão das velas, que sobretudo por ocasião da Missa dos doentes, era surpreendente. Tinha-se a ilusão de que se estava num dos dias de grande peregrinação nacional. A procissão das velas decorreu com a maior ordem, cantando os peregrinos o Ave de Lourdes com devoção e entusiasmo.

Entre as peregrinações presentes, merecem especial referência as seguintes: Anjos (Lisboa), rev. cônego dr. Manuel Pereira dos Reis, Lamego, Souto da Carpalhosa, Monte Redondo e Carvides, 2.000 pessoas, rev. Jacinto António Lopes, Espite, 1.000 pessoas, Carapinheira do Campo e Meãs, S. Simão de Lilem, 150, Peniche, Alcanhões, Póvoa de Cós (Alcobaça), Azoia (Leiria), Serra do Pilar (Pôrto), Bomfim (Pôrto), Aldeia Grande e Capela do Postigo do Sol. Três colégios de meninas dos mais acreditados da província imprimiram uma nota vibrante de graça e mocidade às manifestações do dia treze; o Colégio de Anadia, o Colégio de S. José, de Coimbra, e o Colégio de Nossa Senhora de Fátima, de Leiria.

Duma carta do rev. pároco de Alcobertas acerca da peregrinação daquela freguesia reproduzem-se os seguintes períodos: «No dia 9, segunda-feira do Espírito Santo, realizou a freguesia de Santa Maria Madalena de Alcobertas, Patriarcado de Lisboa, a sua peregrinação anual ao Santuário de Fátima. Préviamente reconciliados com Deus no Sagrado tribunal da Penitência, abeirou-se da Sagrada Mesa da Comunhão na manhã do mencionado dia na igreja paroquial, donde em seguida partiram com a sua bela bandeira de Nossa Senhora de Fátima, estreada em 1929, em camionetes, por Rio Maior, Alcobaça e Batalha, chegando à Cova da Iria pelas nove horas e meia da manhã. Rezado um terço entremeadado de cânticos, na capela das aparições, dali seguiram os romeiros em procissão, com o andor da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, levado pelos srs. Manuel Dias, Jacinto Ferreira, António Ferreira e João Piedade, para o Pavilhão dos doentes, celebrando então a Missa cantada o respectivo Prior José Gomes Loureiro, que foi acolitado pelos rev. Prior da Zibreira e Reitor do Santuário. Ao Evangelho houve sermão, pregado pelo rev. Prior das Lapas. Após a Missa expôs-se o Santíssimo no trono, rezou-se um segundo terço e deu-se a bênção com o Santíssimo. Depois foi reconduzida processionalmente a Imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições, onde se rezou o terceiro terço e os peregrinos se despediram cheios de saúde de Nossa Senhora, penhorados com a deferência imerecida que o rev. Reitor do Santuário lhes dispensou e com a resolução de novamente ali voltarem, em outro ano, com o mesmo fim.»

Adoração nocturna. — O rev.º Luís Castelo Branco. — A Missa da Comunhão Geral. — O Senhor Bispo de Leiria e a Missa dos doentes. — A bênção do Santíssimo. — O sermão e o «adeus.»

A meia noite principiou a adoração nocturna. Exposto o Santíssimo Sacramento no altar-mór da capela das missas sobre um lindo e singelo trono de luzes e flores, o rev. dr. Marques dos Santos, capelão-director dos servitas, inicia a recitação pública e colectiva do terço do Rosário. O rev. Luís Castelo Branco faz, nos intervalos das dezenas, a explicação dos mistérios. As seis horas, celebra-se a

missa da Comunhão Geral. Ao meio-dia, depois da procissão de Nossa Senhora, o Senhor Bispo de Leiria paramenta-se e sobe ao altar, para dizer a missa dos doentes. Segue-se a bênção eucarística. Como sempre, esta cerimónia encanta e comove imenso. Todos os olhos se arrazam de lágrimas. Entre os doentes, vê-se o pároco do Souto da Carpalhosa, tendo ao lado o zeloso coadjutor, rev. Manuel Geraldes, seu dedicadíssimo amigo e inseparável companheiro. Completamente cego e com o rosto e as mãos roídos pela lepra, o venerando sacerdote, modelo de párocos, cuja igreja é um dos maiores centros de piedade do nosso país, onde cada ano tem a felicidade de administrar cerca de oitenta mil comunhões, edifica e comove todos os que o contemplam sereno e santamente alegre na sua resignação heróica à vontade de Deus. Depois da bênção dos doentes, o rev. Castelo Branco sobe de novo ao púlpito e prega o sermão oficial. As cerimónias terminam com a procissão do «adeus», em que a augusta Imagem de Nossa Senhora do Rosário é levada em triunfo, no meio de vivas e aclamações e sob uma chuva incessante de flores, para o seu pedestal no padrão comemorativo das aparições.

Um Anjo no exílio. — Nostalgia do Céu. — A mesa do banquete divino. — Flores roxas de Martírio. — No regaço de Maria. — Regresso à Pátria.

Maria Dias Lopes, filha de Alvaro Lopes e de D. Narcisa Dias Lopes, era uma gentil menina, a mais velha de duas irmãs, prole abençoada dum lar honesto e cristão, consolação única e doce esperança dos pais extremos. A sua infância, inocente e descuidada, tinha deslizado, tranqüila e suavemente, entre jardins e vergéis, à sombra de árvores copadas nas margens ridentes e formosas do Tejo, cujas águas na época das cheias, iam beijar, espreguiçando-se, os muros brancos da linda e aprazível estância em que vivia.

As maiores delícias dessa alma, em extremo delicada e sensível, consistiam em estar junto dos pais estremecidos e da irmã querida, partilhando das suas alegrias e dos seus desgostos e procurando com o carinho e a ternura dum coração afectuoso e meigo, como anjo tutelar do santuário doméstico, tornar-lhes menos duras as provações do exílio, que é este vale de lágrimas e de misérias, em que passamos algumas horas antes de raiar a manhã do dia eterno.

A sua radiosa mocidade era uma mocidade exuberante de vida, cheia de viço e frescura, polvilhando o ambiente de inebriantes perfumes e enchendo-o de suaves harmonias, qual flor de encanto que desabrocha ao contacto do orvalho matutino ou ao beijo do raio do sol nascente, qual avezinha canora que desfere na siringe do seu peito os seus cânticos de ventura e os seus trinados de amor.

Entre as meninas da mesma idade, suas vizinhas e companheiras, distinguia-se pela modestia no trajar e pelo desprendimento das vaidades do mundo. Um dia o pai quis comprar-lhe um vestido, mas a boa menina, que dêle precisava, receando onerar o orçamento doméstico com uma despesa excessiva, disse:

«Meu pai, não quero que faça sacrificios; não compre o vestido, que eu posso remediar-me com o que tenho.»

Extremosa por sua mãe, não a abandonava um só instante, quando a via doente de cama, renunciando então de bom grado a todos os seus divertimentos e passatempos, para lhe assistir com o disvelo e a solicitude duma dedicada enfermeira, enquanto ela não voltava, recuperada completamente a saúde, às suas ocupações habituais.

Se, mercê dalguma indisposição de estômago, a mãe não tomava qualquer das refeições, a pequena, triste e inquieta, dizia logo: «Se minha mãe não come, também eu não como.»

A tudo antepunha o sossego e o conchêgo do lar, a convivência dos pais, da irmã e das outras pessoas de família.

Nunca assistiu a bailes nem frequentou teatros e animatógrafos, onde tantas almas perdem a inocência ou encontram perigos para a sua virtude.

Não gostava de se pôr sôzinha às janelas da sua encantadora vivenda, e só o fazia juntamente com sua mãe.

Pára não se afastar um só momento da companhia dos pais queridos, recusava-se até a dar passeios inocentes e higiênicos pelos campos vizinhos.

«Filha adorada, dizia-lhe um dia a mãe extremosa, acompanha as tuas amigas no

passeio que vão dar; faz-te bem respirar o ar puro dos pinhais, ouvir o canto das avezinhas e aspirar o aroma das flores silvestres».

«Não, mãezinha, replicava ela, se me acompanhasse, iria de boa vontade, assim prefiro ficar em casa, ao pé de si, do pai-zinho e da mana.»

A breve trecho chegam os catorze anos.

E' então que Santarém, a formosa princesa do Tejo, a acolhe dentro dos seus muros seculares, proporcionando-lhe, no Pensionato Andaluz, modelo de institutos femininos de educação e ensino, um abrigo seguro para a sua virtude, uma escola primorosa para a cultura do seu espírito e um prolongamento do lar paterno, onde o seu coração encontra lenitivo para a ferida nele causada pela saúde na estima e no carinho das mestras e condiscípulas, sentindo-se plenamente satisfeita e feliz.

Cinco meses — os últimos da sua existência sobre a terra, passa-os no cumprimento exacto dos seus deveres, e na prática de todas as virtudes cristãs.

Ágil como uma arvela, alegre como um colibri, ela é, nos recreios e nos passeios, a amiga dedicada das suas companheiras de colégio, igual para todas na estima e nos obséquios da amizade fraternal. Dócil e obediente às prescrições regulamentares e aos mais leves acenos das suas superiores e mestras, tentando, por assim dizer, adivinhar os seus desejos para os cumprir, — impõe-se como um dever de colegial a admiração e imitação das outras meninas.

Afervorando-se cada vez mais na sua piedade, sincera e sólida, era com as disposições dum anjo que se aproximava da mesa eucarística, abrindo o seu coração, puro e inocente, às doces carícias do Divino Rei de Amor, como a flor mimosa descerra a corola para receber fôdas as manhãs as gotas do orvalho do céu.

As vezes dizia: «Na Cova da Iria há uma fonte de água muito fresquinha...» Era sinal de que a sede abrasava a pobre menina, devorada por uma febre ardente. E a preciosa linfa, que lhe era ministrada às colheres, parecia deliciar-lhe a alma, ao mesmo tempo que lhe refrigerava os lábios crestados e a boca ressequida.

Foi com os mais vivos sentimentos de piedade que recebeu os últimos sacramentos. Ficou assim preparada para a grande viagem da eternidade que em breve ia empreender.

Efectivamente, anjo exilado na terra, o Céu reclamava-a como coisa que lhe pertencia. A doença, uma doença mortal, vem roçá-la, inesperadamente, com a sua asa negra.

No curto espaço de cinco dias, o seu organismo débil e franzino, a-pesar de todos os esforços empregados pela ciência para a salvar, sucumbe aos estragos do mal que o minava.

Durante a sua dolorosa agonia, uma voz amiga diz-lhe, num dado momento, em que parecia sentir menos dores:

«Agora não sofre tanto, não é verdade?»

Cheia duma santa resignação, a pobre menina replica com vivacidade:

«Ah! só eu sei o que sofro, mas ofereço da melhor vontade todos os meus sofrimentos pelas almas do Purgatório.»

A sua devoção para com Nossa Senhora de Fátima, a quem tanto amava, aumentou consideravelmente durante os poucos, mas longos e intermináveis dias, do seu cruciante martírio, que suportou na mais perfeita conformidade com a vontade de Deus.

Comprazia-se mesmo em invocá-lo e até nas horas da sua lúcida agonia achava refrigerio, deglutindo algumas gotas de água da fonte miraculosa do santuário da Lourdes Portuguesa.

Uma vez a Directora do Colégio disse-lhe: «Pede a Nossa Senhora de Fátima que te dê saúde!» E ela, numa angélica expressão de súplica, exclamou: «Nossa Senhora do Rosário de Fátima, dai-me a saúde para fazer a vontade a mim e ao meu pai-zinho!»

O pai perguntou-lhe um dia:

«Minha filha, que prometeste a Nossa Senhora de Fátima, se ela te curar?»

A resposta foi: «Vamos lá todos e eu levar-lhe-ei cincoenta mil reis.»

No dia trinta e um de maio, sábado e último dia do mês de Maria, consagrado pela Santa Igreja a Nossa Senhora Medianeira de todas as graças, às onze horas e meia da manhã, rodeada dos pais amantíssimos, inconsoláveis na sua profunda mágoa, e de parentes e pessoas amigas, a quem pungia dolorosamente o amargo espinho da saúde, a angélica

menina Maria Dias exalava o derradeiro suspiro, enquanto a augusta Rainha do Céu vinha ao seu encontro e recebia nos braços maternais a sua bela alma, adornada ainda com a innocência do baptismo, para lhe pôr sobre a fronte virginal a coroa rutilante e imarcessível da eterna glória.

Apóstolos e convertidos. — Fátima na Colónia. — Um artigo da Civiltà Cattolica. — O rev.º Gonzaga da Fonseca e o Instituto Bíblico de Roma. — Um Arquimandrita de Constantinopla. — A família real da Grécia.

Duma carta do aluno do Colégio Português em Roma, sr. Joaquim Carreira, para o venerando Prelado de Leiria, transcrevem-se os seguintes trechos, que os piedosos leitores da «Voz da Fátima» de certo hão-de ler com interesse e satisfação:

«Nossa Senhora de Fátima vai sendo cada vez mais conhecida e amada cá por estas paragens. Nem admira. Porque, aumentando os bons apóstolos, necessariamente hão-de aumentar também os convertidos. A remessa da «Voz da Fátima» engrossou um bocado. Ficamos muito contentes com o «Secretário de Nossa Senhora». Mas não bastava ainda; porque, nesta Babilónia de línguas, o português, posto que seja ainda bastante conhecido, não pôde passar por uma língua universal. Era esta a nossa dificuldade, que por enquanto nos parecia insuperável. Em boa hora, porém, teve V. Ex.ª a abençoada lembrança de nos mandar alguns exemplares da «Révue du Rosaire». Agora sim, que já podemos correr meio mundo!...

Pouco depois o nosso Rev.º P. Venâncio mandou vir de França mais 25 exemplares da mesma revista. Da Alemanha mandamos vir 13 (coincidência curiosa...) exemplares do livro do Dr. Fischer. Eram mais quarenta e tantos bons missionários, que entravam em campo. Como era de esperar, o incêndio não tardou a manifestar-se. V. Ex.ª não levará a mal, que eu me defenha um pouco a contar algumas impressões sobre a propaganda de Fátima, que por aqui se faz.

Num Colégio de Salvatorianos austriacos, aqui em Roma, leu-se no refeitório o livro do Dr. Fischer, que causou a melhor impressão no meio de todos, começando já alguns dêles a pedir-nos fotografias para ilustrar os artigos, que querem escrever sobre os acontecimentos de Fátima.

Um dia, à saída da aula, aproximei-me dum holandês, já meu conhecido, e falei-lhe de Nossa Senhora de Fátima, passando-lhe para a mão a «Revue du Rosaire». E como êle não tinha grande dificuldade em entender o português escrito, levei-lhe também, pouco depois, «As grandes Maravilhas de Fátima». Ficou muito contente, e prometeu escrever alguns artigos sobre Nossa Senhora de Fátima numa revista semanal, publicada na Holanda pelos padres da Congregação do Verbo Divino, a que o mesmo pertence. Falou-me também numas estátuas de Nossa Senhora de Fátima, que uma fábrica pertencente a essa Congregação tinha posto no mercado alemão.

Doutra vez, estava eu muito socegado no quarto, quando me bate à porta o Rev.º Sr. Vice-Reitor a pedir santinhos de Nossa Senhora de Fátima e qualquer coisa escrita sobre as aparições. Era a Madre Geral dumas freiras polacas, que mandava ao Colégio a pedir informações sobre os acontecimentos de Fátima. Levaram dois exemplares da «Révue», e quantos santinhos havia à mão, que, por sinal, já eram bem poucos. Depois disso, já cá vieram várias vezes pedir mais revistas, que queriam mandar para a Polónia, dizendo que lá não se conhece Nossa Senhora de Fátima. Por causa destes pedidos já se mandaram vir mais 44 exemplares.

Um polaco muito meu amigo, pertencente a uma espécie de Congregação de sacerdotes, que se dedicam dum modo especial à boa imprensa, está preparando um artigo para publicar na Polónia, em Maio, porque passa então o aniversário da primeira aparição. Este mesmo, falando-nos de Fátima, depois de ter lido a «Révue» e o livro do Dr. Fischer, dizia-nos:

«Mi piace molto questa benedetta Madonna di Fátima!...»

Um outro polaco, da Congregação da Ressurreição, está traduzindo um artigo que, sobre as Aparições de Fátima, acaba de ser publicado na revista mensal

AS CURAS DE FATIMA

«Stella Matutina», órgão oficial das congregações Marianas de Itália, artigo que será continuado no número seguinte.

Actualmente estamos preparando três artigos, que devem ser publicados numas revistas da «Obra Cardeal Ferrari» editadas em Bolonha.

Os leirienses acabamos de constituir uma sociedade (de responsabilidade limitada) e vamos fazer uma edição de estampas de Nossa Senhora de Fátima, em fotografia. A tiragem desta primeira edição, que é mais a título de experiência, será de 1.500 exemplares, e serão vendidos a trinta ou trinta e cinco centésimos cada um; ou seja a 30 ou 35 liras o cento. Baratinhos, como vê, comparando com os que aí vende a casa «Estrêla dos peregrinos», que custam nada menos de um escudo cada um. O ganho, que houver, servirá para ajudar a pagar uma coleção dumas setenta fotografias, que pedimos ao Rev. Pizarro. Afinal, é uma reprodução, em ponto maior, da coleção dele! Estas fotografias servirão para ilustrar umas conferências de propaganda de Nossa Senhora de Fátima, que o nosso dedicadíssimo sr. P. Fonseca se propõe fazer no salão do Instituto Bíblico durante as férias de Páscoa. Oxalá que essas conferências sejam muito concorridas; como, aliás, é de esperar, tratando-se dum assunto destes, e por demais, ilustrado com projecções luminosas. Segundo nos consta, um lente da faculdade de Filosofia, também empregado na Redacção da «Civiltá Católica», está pensando num artigo sobre Fátima, que publicará no fim deste ano escolástico, lá para Agosto. E talvez que este mesmo professor por aí apareça neste verão; pois, se me não engano, irá também ao Congresso do Apostolado da Oração.

Tomo agora a liberdade de narrar a V. Ex.^a uma das aventuras mais curiosas da minha vida. É o seguinte:

No dia 8 do corrente, quando chegámos ao Pincio depois das aulas da tarde, encontrei ali sentado um Padre oriental, cuja figura e hábito me impressionaram profundamente. E, não sei porquê, senti-me tentado a ir ter com ele e falar-lhe em Nossa Senhora de Fátima. Comuniquei este pensamento aos colegas, e todos tomámos o caso a rir, dizendo que era uma idea extravagante, como tantas que veem à cabeça de rapazes novos. Mas, tomando o ponto mais a sério, e não fazendo caso da única dificuldade, que teria pela frente — a questão da lingua, que ele falava — aproximei-me pedindo-lhe desculpa, e perguntando-lhe em italiano, se ele falava italiano ou latim. Respondeu-me que não, em francês. Claro está, que não tive outro remédio, senão ir arranhando o meu francês, conforme pude. Quem havia de ser este sacerdote? Um Arquimandrita de Constantinopla, que está em Roma trabalhando na codificação do Código para a Igreja Oriental. De Roma voltará para a Suíça, onde vive habitualmente; não podendo tornar a Constantinopla, visto ser um perseguido dos turcos, que o matariam se o lá apanhassem. Era scismático e converteu-se, há quasi dois anos, entrando na Igreja Católica. Falei-lhe em Nossa Senhora de Fátima, de que ele não conhecia nada, e prometi mandar-lhe a «Révue du Rosaire», o que fiz, mandando-lhe juntamente o livro do Dr. Fischer e uma fotografia da imagem de Fátima. Ficou contentíssimo, e desfazia-se depois em agradecimentos, dizendo que Deus é que me tinha mandado ir ter com ele, para lhe falar de Nossa Senhora de Fátima, de que ele não conhecia nem, sequer, o nome.

Já veio ao Colégio visitar a nossa linda imagem, gostando muito. Dei-lhe também um exemplar de «As grandes maravilhas de Fátima», que me pediu, para mandar a um rapazião português (um tal Viegas) das suas relações, que se encontra na Suíça num sanatório de tuberculosos. Levou também o artigo, sobre as aparições de Fátima, ultimamente publicado na «Stella matutina», a que atraz me referi, e disse que o ia mandar à família real da Grécia, que se encontra exilada em Florença, e cujos membros, a-pesar-de serem scismáticos ferrenhos, são muito devotos de Nossa Senhora.

Prouvera a Deus que, por intercessão de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, essa nobre família seguisse o exemplo deste Arquimandrita, entrando também na Barca de S. Pedro — sujeitando-se ao único Pastor do rebanho de Cristo, ao Pontífice Romano!...

Visconde de Montelo

Sete meses com abscessos.

Ana de Oliveira Santos, do lugar de Mouquinho, freguesia de S. Vicente de Pereira (Ovar) casada, de 56 anos de idade, foi ferida com um espinho de ameixeira que tinha o comprimento de um milímetro. Foi-lhe tirado no dia 12 de março de 1928, ficando dorida um pouco. Passados oito dias começou a doer muito e no dia 21 do mesmo mês já não podia caminhar. No dia 26 fui à farmácia para ver o que seria, mas já num carro. Por um acaso estava lá o Sr. Dr. Alves, do lugar de Figueiredo, de Oliveira de Azemeis. Como o Sr. Farmaceutico Bessa lhe pedisse, ele me lancetou o pé.

O Sr. Dr. Alves logo me perguntou nome, logar e freguesia, julgando que tinha de passar o atestado de morte.

No dia 27 as dores eram insuportáveis. No dia 28 do mesmo mês mandei, ou meu marido foi, convidar outro médico pois que o Sr. Dr. Alves não faz visitas.



ANA DE OLIVEIRA SANTOS

de S. Vicente de Pereira — OVAR

Veio o Sr. Dr. Antunes da Vila da Feira, informou-se do caso mas não meteu mão (mas era eu quem sofria as dores).

Meu marido foi ter com outro, pois as dores no quadril esquerdo eram muitas.

Este médico viu e disse que era uma vacina. A segunda visita lancetou-me e ficou um pouco assustado.

Meu marido tornou para o segundo e daí por um mês fui por ele lancetado no braço direito. Passados tempos tive de ser lancetada na perna direita.

Depois assim fiquei gritando com dores nos intestinos pois elas eram fortes, — dizendo-me os médicos que eu não tinha grande mal.

Um dia teimei com o Sr. Dr. Antunes para ele me observar bem e ele assim o fez.

Disse-me que eu tinha um rim em muito mau estado e julgou o caso de morte. Veio segunda vez e disse que não sabia se era o rim se era o baço inflamado, o que só no raio X se podia saber.

Disse a meu marido que lá fosse daí a dois dias, o que ele fez. Que era médico há 30 anos e que nunca tinha encontrado tal enfermidade.

Meu marido, que andava ansioso pela minha saúde, veio um pouco triste, mas ao mesmo tempo tomou a resolução de procurar um médico que se interessasse de veras pela minha saúde e encontrou o Ex.^{mo} Sr. Dr. Valente, de Adães, concelho de Oliveira de Azemeis que procurou todos os meios de me salvar a vida. Por fim começou-me um tremor do lado esquerdo no rim que o Sr. Dr. Valente me lancetou. O pus estava à fundura de onze centímetros, deitando cerca de dois litros. No curativo, à noite, meio litro. Assim fiquei por espaço de duas semanas a fazer curativos três vezes por dia e no fim já nem obedecia a desinfectantes nem às injeções. O Sr. Dr. Valente declarou a meu marido que eu, ou tinha morte próxima ou ficaria com ferida aberta em quanto viva.

Nesta ocasião veio-me visitar uma minha irmã que é assinante da *Voz da Fátima* e me contou os grandes milagres de N. Senhora do Rosário.

Meu marido logo o foi buscar.

Foram depois em busca de água de Fátima para fazerem o curativo tanto a ferida como a outro tumor que estava a ameaçar, no lado direito, de ter de ser lancetado.

Nesta altura nós não vimos mais a quem pedir senão à Mãe do Céu. No dia 10 de Outubro do dito ano tomámos a resolução de fazer uma novena a Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Começámos numa quinta-feira às 15 horas para alcançar duas sextas feiras ao toque das chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Tive o gosto de logo no segundo dia do curativo com água de Fátima, pela manhã, já não tinha dores e a mecha de borraça que no dia 10 ia à fundura de seis centímetros, estava fora da ferida, debaixo das gazes. No curativo da tarde foi minha filha para meter a mecha na ocasião da Novena e não pode. Era como um vento que a expulsasse para fora. Esta novena era feita por meu marido, filha Rosa e uma neta de 6 anos e por mim (esta neta era muito amiga da avó).

No fim de cada novena depois dos curativos com a água milagrosa, dizíamos por três vezes: «O Maria, sem pecado concebida, rogai ao Senhor por nós que recorremos a vós», e eu bebia uma porção de água.

Tenho o prazer, assim como minha família de no fim da novena já nada me doer e agora julgo-me sã e vigorosa.

Considero pois a minha cura efectuada contra as possibilidades e previsões da sciencia médica, como um autêntico milagre e verdadeira graça do céu que obtive por intercessão de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, à qual protesto a minha profunda gratidão e consagro como minha filha, muito devota, os restantes anos da minha existência.

S. Vicente de Pereira, 11 de Junho de 1930.

ATESTADO MÉDICO

Eu, Manuel Valente Júnior, licenciado em Medicina e cirurgia pela Faculdade de Medicina do Porto: Atesto, pela minha honra, que Ana de Oliveira Santos, casada, de 56 anos de idade, do lugar de Mouquinho, freguesia de S. Vicente de Pereira, concelho de Ovar, esteve entre a vida e a morte desde 21 de março a 11 de outubro de 1928, com uma séptico-pyémia, de abscessos múltiplos, sendo o último ilio-lombar, cuja cavidade lá da fossa ilíaca esquerda ao rim, sendo por mim tratada deste último abscesso, ficando então completamente restabelecida.

Por me ser pedido, passo o presente que assino.

Quinta de Adões, 11 de junho de 1930.

Oliveira de Azemeis.

Feridas e dores.

Maria Helena Bravo de Castro, rua Ferreira Guimarães, 521, Porto, em carta de 2 de maio diz o seguinte:

«Há dois anos que fiz uma promessa da publicação de uma graça recebida, por intermédio da Virgem de Fátima, sem que tenha conseguido cumpri-la.

Prometi publicá-la no dia 13 de Maio e o ano passado fui com esse fim a um dos diários do Porto, tendo-me prometido os redactores que sairia sem falta nesse dia.

Infelizmente vi com surpresa que no dia 13, nem dias seguintes o jornal a nada se referia. Lembrei-me pois de vir pedir a V. Rev.^{cia} para a publicar na *Voz da Fátima* do próximo dia 13, desejando saber ao mesmo tempo quanto tenho a pagar por essa publicação. A graça é a que segue:

Achando-me gravemente enferma, com dores horribes, e tendo o médico dito que uma ferida que eu tinha, não cicatrizaria tão cedo, pedi a N. Senhora de Fátima no dia 12 de Maio de 1928 a graça de me curar, e no dia 13 quando o médico chegou, ficou admirado de me encontrar muito melhor, e a ferida começou a cicatrizar, não sofrendo as dores que até aí me atormentavam.

Prometi publicar a graça no dia 13 de Maio e é cheia de reconhecimento que o venho fazer, agradecendo assim à SS. Virgem de Fátima a sua poderosa e benéfica intercessão. Graças e louvores à SS. Virgem do Rosário de Fátima».

Singular coincidência!

Ana Febrónia Sérgio de Faria Pereira, de Tavira (Algarve) em carta de 15 de junho deste ano, diz:

«Implorando da Divina Mãe de Jesus, daquela que quis aparecer na estância bendita da Cova da Iria onde tem conquistado tantas almas, milhaves delas, num momento doloroso da minha vida, prometi à Nos-

sa Mãe do Céu que tornaria público o meu reconhecimento se fosse atendida a minha prece, o que faço hoje depondo aos Seus Divinos pés as minhas melhores acções de graças. São muitos já nesta cidade os benefícios recebidos por intermédio de Nossa Senhora de Fátima e para não ocupar muito espaço no jornalinho a *Voz da Fátima* limitar-me-hei quanto puder, mas, é tão grande o milagre que passo a relatar que me parece não dever ficar ignorado.

Há quatro meses que, João Maria, de 21 anos, casado com Almerinda das Dores, de 22 anos, ambos do lugar de Santa Luzia, a 3 quilómetros desta cidade, estando a comer ervilhas ingeriu uma casca das mesmas que foi alojarse nas vias aéreas.

O rapaz sentindo-se aflitíssimo correu a esta cidade procurando um médico e foi o Sr. Dr. Rogério Ramos abalizado clínico, quem tentou extraí-la, empregando todos os esforços inutilmente. Foi o rapaz enviado para Lisboa tendo dado entrada no hospital, onde, depois de ter sido observado, foi decretada uma operação tendo, porém, de se preparar para ela dando entrada na enfermaria. O pobre rapaz fazia dó! Chorava constantemente prevenido uma morte próxima pois se sentia de hora a hora mais aflito e lembrava-se que iria deixar para sempre o mundo, a esposa a quem se tinha unido poucos meses antes, a pobre mãe que não se consolava, enfim todos que amava.

Um das senhoras piedosas que andavam nesse dia visitando e consolando os doentes, abeiraram-se da cama do enfermo inquirindo do seu mal pois o viam muito aflito, perguntaram se ele era homem com fé e se tinha devoção em algum Santo.

O João Maria disse que tinha muita devoção com Nossa Senhora de Fátima. As mesmas senhoras então, deram-lhe uma medalhinha, recomendando que rezasse muito à Virgem Santa e tivesse muita esperança.

Colocou sobre o peito a medalha e todos os dias que se seguiram diz ele que só rezou e chorou implorando a Misericórdia Divina.

Na véspera do dia designado para ir ao raio X o rapaz não soceou toda a noute e de madrugada quando viu amanhecer, olhando para a janela frente à cama, viu a Imagem de Nossa Senhora perfeitamente igual à que tinha na medalha. Preso de grande comção, esperou que mais viva fosse a claridade e, nitidamente tornou a ver a Rainha do Céu, a Nossa Mãe e advogada!

Quando mais tarde vieram buscá-lo para o conduzirem à sala de operações, já no elevador, sente-se muito aflito; é amparado pelo médico e, de repente, tem um grande vômito, apára as mãos e deita a casca da ervilhana!

Não foi este um grande milagre?

O rapaz, preso de grande alegria parecendo-lhe que já estava curado pedia que o deixassem sair logo para voltar para junto da sua querida família e como ela não cessa de dar infinitas acções de graças à Nossa Divina Mãe, à Mãe dos aflitos».

Doença grave.

Joana Rodrigues Martins, de Estarreja em carta de 13 de maio último diz:

«Estando minha filha Maria das Dóres Pereira da Silva, ausente na América do Norte há quasi 10 anos, e o ano passado encontrando-se em estado grave, eu recorri a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, se a melhorasse dessa doença lhe mandar o valor de 5 dollars que correspondem a 100\$00; Nossa Senhora lhe concedeu essa graça pelo que lhe envio a dita importância, pois que ela é Nossa Mãe Maria Santíssima a quem nós todos os dias pedimos graças.

Peço o favor de publicar no tão querido jornal a *Voz da Fátima* esta graça que Nossa Senhora me concedeu».

Tuberculose.

Maria Madalena Pinto Dias, de Viana do Castelo, em carta de 3 de junho último relata o seguinte:

«Venho respeitosamente pedir a V. Rev.^a se digne publicar no jornal *Voz da Fátima*, a graça alcançada por intermédio de N. Senhora de Fátima que passo a expor:

Adoei gravemente em 1928, tendo o pulmão esquerdo bastante contaminado a ponto de o médico que me tratava me julgar perdida.

Fui observada por três médicos durante a minha doença e a análise de expectoração acusava bastantes bacilos. Vendo que os recursos da medicina seriam impotentes para debelar o mal que tanto me fazia sofrer e a minha família, recorri, cheia de fé e confiança, Aquela que é a Saúde dos

enfermos — a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, prometendo comungar nos dias 13 de cada mês e publicar a graça da minha cura logo que ela se effectuasse.

A minha boa Mãe do céu, cujo patrocínio se tem experimentado tão poderoso a favor de tantos infelizes, dignou-se ouvir as minhas humildes queixas alcançando-me a graça duma cura completa que experimento e o meu médico assistente constatou.

Aqui fica, pois, consignado o tributo da minha humilde mas sincera homenagem para com Aquela que nunca deixa de socorrer aqueles que a Ela recorrem com amor e confiança.

Doença nas fossas nasais.

Cândida Mendes, de Ourém, em 3 de maio último diz-nos o que segue:

«Há tempos já que me queixava de uma fossa nasal na qual me apareceu uma excrescência que dia a dia mais me tapava o nariz. Assustada já e aconselhada por todos a consultar um médico, resolvi suplicar Aquela perante a qual a sciência é nula que me curasse, e, se dentro de um certo prazo isso acontecesse iria ao seu Santuário cumprir uma promessa que fiz então.

A resposta não se fez esperar, pois dentro de 5 dias estava completamente curada e sem vestígios alguns do que por tanto tempo me affligiu.

Para cumprimento da mesma promessa peço a V. Rev.ª o obséquio de fazer publicar estas linhas no jornal *Voz da Fátima* não sendo mais extensa por haver casos que só verbalmente se podem explicar.»

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte...	211.388\$55
Papel, composição e impressão do n.º 93 (66.500 exemplares)...	3.637\$50
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	725\$60
	215.751\$65

Donativos vários

P.e António Roliz, de Macau, 789\$00; Sebastião Rodrigues dos Santos, da Índia, 80\$00; Maria Cartola Peixe, de Jhavo, 126\$00; José Raimundo dos Santos, 50\$00; de jornais distribuídos no mosteiro da Serra do Pilar, 110\$00; Angelina da Conceição Soares Matos Louzada, 150\$00; Joaquina Vieira, 50\$00; Maria dos Santos Miranda, 40\$00; Joaquim de Sá Couto, 30\$00; Viscondessa de Ervedal da Beira, 50\$00; igreja de S. Sebastião da Pedreira, 94\$15; dr. José Alexandre Caldas Frazão, de Nova Goa, 50\$00; Joaquim Lencastre, 279\$90; P.e José Maria Antunes, 70\$00; P.e Manuel Martins Cêpa, 70\$00; Maria das Dores Tavares de Sousa, 95\$00; Alberto Júlio Monat, 255\$75; Pura Rodrigues Ramos, 50\$00; Maria Amália Guimarães Azambuja, 60\$00; P.e Virgínio Lopes Tavares, 88\$00; D. R. C. 50\$00; esmolas colhidas na igreja da Misericórdia de Póvoa de Varzim, 172\$35; A. J. Fernandes, de Tete (Africa), 100\$00; Emília de Oliveira, 50\$00.

Esmolas obtidas em diversas Igrejas, por ocasião da distribuição de jornais:

Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, no mês de Março de 1930, pela Ex.ª Sr.ª D. N. R.	10\$00
Na Igreja de S. Tiago de Ceimbra, nos meses de Março e Abril de 1930, pela Ex.ª Sr.ª D. Gertrudes do Carmo Pinto	59\$00
Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, nos meses de Abril e Maio de 1930 pela Ex.ª Sr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier	52\$00
Na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, no mês de Abril de 1930, pela Ex.ª Sr.ª D. N. R.	10\$00
Na Igreja de S. Mamede em Lisboa, no mês de Maio de 1930 pela Ex.ª Sr.ª D. N. R.	10\$00
Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, no mês de Junho de 1930, pela Ex.ª Sr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier	28\$00

JACULATORIA INDULGENCIADA

Nossa Senhora do Rosário da Fátima, rogai por nós.

300 dias d'indulgência por cada vez (S. Poen. Ap. 15 edov 1927.)

Leiria, 21 de Junho de 1930.

† JOSÉ, Bispo de Leiria

Medalha milagrosa

Passa no dia 18 para 19 do corrente o centenário da primeira aparição da Santíssima Virgem a Catarina Labouré.

Eram onze e meia da noite quando esta religiosa ouviu chamar três vezes seguidas pelo seu nome. Ao acordar e ao abrir o cortinado da cama vê um menino de uma beleza arrebatadora e que teria quatro ou cinco anos de idade, veste de branco e da sua cabeleira loura, assim como de toda a sua pessoa saem raios de luz que iluminam tudo em volta.

«Vem, diz elle com uma voz melodiosa, vem à capela que a Santa Virgem está lá à tua espera».

Mas, pensava a irmã Labouré, se me levanto, acordo tudo visto estar num grande dormitório.

— «Não tenhas medo, que está tudo a dormir e ninguém acorda».

Vestiu-se à pressa e segue o menino que caminhava à sua esquerda, *esparzindo raios de claridade* por onde passava.

Por toda a parte estavam também, com grande espanto da religiosa, acesas todas as luzes. Aumentou a surpresa quando ao chegar à porta da capela esta se abriu logo que lhe tocou achando tudo iluminado, lembrando-lhe (dizia ella) a missa da meia noite.

Chegada à grade da Comunhão, ajoelhou-se, conservando-se o guia de pé à esquerda.

Perto da meia noite o menino a avisa dizendo: «Aí vem a Santa Virgem, aí está». Imediatamente sente a seu lado um rugido como o roçar de um vestido de seda e uma senhora, de grande beleza vem sentar-se no lugar occupado ordinariamente pelo director da Comunidade, ao lado esquerdo.

A irmã corre a lançar-se aos pés da Santa Virgem como o teria feito com a própria mãe.

Ella lhe faz várias recomendações e predições dolorosas tendo sempre um ar triste.

Tendo Nossa Senhora desaparecido, levantou-se e o menino conduziu de novo a irmã ao dormitório. Pensa ella que o seu guia fosse o anjo da guarda, pois que tendo terna devoção à Santíssima Virgem a quem escolhera por mãe desde que em pequenina ficara órfã, ardia em contínuos desejos de a ver e insava com o Anjo da Guarda para lhe obter esta graça.

Ora, pouco depois de estar no dormitório ouviu bater duas horas e só assim soube o tempo que tinha estado com Nossa Senhora.

Catarina nasceu a 2 de maio de 1806, na Côte d'Or, em França e aos 24 anos tomou o hábito das Filhas de Caridade. Foi aí que a Santíssima Virgem lhe appareceu por várias vezes.

Mas a mais importante das aparições foi a do dia 27 de Novembro de 1830, sábado antes do 1.º Domingo do Advento. Nesse dia, estando a venerável Irmã, na oração da tarde nessa Capela da Comunidade, Rua do Bac, Paris, a Rainha do Céu se lhe mostrou, primeiro junto do arco cruzado, do lado da epistola, onde hoje está o altar da «*Virgo Potens*» e depois por detrás do sacrário, no altar-mór. «A Virgem Santíssima, diz a Irmã, estava de pé sobre um globo, vestida de branco-aurora, com o feitiço que se diz à *Virgem*, isto é, subido e com mangas justas, véu branco a cobri-la a cabeça, manto azul prateado que lhe descia até aos pés; o cabelo em tranças, seguro por uma fita debruada de pequena renda, que sobre elle pousava, o rosto bem descoberto e de uma formosura indescriptível. «As mãos, elevadas até à cinta, sustentavam outro globo, figura do mundo, rematado por uma cruzinha de ouro; a Se-

nhora toda rodeada de tal esplendor que era impossível fixá-la; o rosto illuminou-se-lhe de radiante claridade no momento em que, com os olhos levantados para o céu, oferecia ao Senhor esse globo.

«De repente os dedos cobriram-se de anéis e pedrarias preciosas de extraordinária beleza, donde se despediam raios luminosos para todos os lados, envolvendo a Senhora em tal esplendor que já se lhe não via a túnica nem os pés. As pedras preciosas eram maiores umas, menores outras e proporcionais eram também os raios luminosos.

«O que então experimentei e aprendi naquele momento é impossível explicar».

«Como estivesse occupada em contemplá-la, a Virgem Santíssima baixou para mim os olhos e uma voz interior me disse no intimo do coração: «*este globo que vês representa o mundo inteiro e em especial a França e cada pessoa em particular*». Aqui não sei exprimir o que descobri de beleza e brilho dos raios tão resplandecentes. A Santíssima Virgem acrescentou: «eis o simbolo das graças que derramo sobre as pessoas que mas pedem».

«Desapareceu então o globo que tinha nas mãos; e como se estas não pudessem com o péso das graças, inclinaram-se para a terra na attitude graciosa reproduzida na Medalha.

«Formou-se então em torno da Virgem um quadro um pouco oval onde em letras de ouro se liam estas palavras: «*O' Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós*». Fez-se ouvir então uma voz que me dizia: «*Manda cunhar uma Medalha por este modelo; as pessoas que a trouxerem indulgenciada receberão grandes graças, mórmente se a trouxerem ao pescoço; não de ser abundantes as graças para as pessoas que a trouxerem com confiança*».

No mesmo instante o quadro pareceu voltar-se e a Irmã viu no reverso a letra M encimada por uma cruz, tendo um traço na base e por baixo do monograma de Maria os dois corações de Jesus e de Maria, o primeiro cercado por uma corôa de espinhos, o segundo atravessado por uma espada; e, segundo tradição oral comunicada pela Vidente, uma corôa de doze estrelas a cercar o monograma de Maria e os corações. Também a mesma irmã disse depois que a Santíssima Virgem alcava aos pés uma serpente de cor esverdeada com pintas amarelas.

Passaram-se dois anos sem que os Superiores eclesiásticos decidissem o que havia de fazer-se; até que, depois do inquérito canónico, se cunhou a Medalha por ordem e com aprovação do Arcebispo de Paris, Monsenhor de Quélen. Para logo começou a espalhar-se com muita rapidez e devoção pelo mundo inteiro, acompanhada sempre de prodígios e milagres extraordinários, reanimando a fé quasi extinta em muitos corações, produzindo notável restauração dos bons costumes e da virtude, sarando os corpos e convertendo as almas. Entre outros prodígios é célebre a conversão do judeu Afonso de Ratisbona, acontecida depois da visão que elle teve na igreja de Santo André *delle Frate*, em que a Santíssima Virgem lhe appareceu como se representa na Medalha Milagrosa.

O primeiro a aprovar e abençoar a Medalha foi o Papa Gregório XVI, confiando-se à protecção dela e conservando-a junto do seu crucifixo. Pio IX seu successor, o Pontífice da Imaculada, gostava de a dar como prenda particular da sua benevolência pontificia. Não admira que com tão alta protecção e à vista de tantos prodígios se propagasse rapidamente. Só no espaço de quatro anos, de 1832 a 1836, o fabricante Vechette, que foi incumbido de a cunhar, vendeu dois milhões delas em ouro e prata e dezoito milhões de cobre; em Pa-

ris onze fabricantes mais venderam outras tantas; em Lyon quatro cunhadores venderam o dôbro e em várias outras cidades da França e do estrangeiro se fabricou e vendeu número incalculável de Medalhas. O que não terá sido desde 1836 até agora!

Graças a esta difusão prodigiosa, foi-se radicando mais e melhor no povo cristão a crença na Imaculada Conceição de Maria e a devoção para com tão excelsa Senhora; assim se preparou essa apoteose sublime da Definição dogmática de 1854, que a Virgem Santíssima veio como que confirmar e agradecer em Lourdes em 1858, coroando assim a aparição de 1830.

Em outras aparições subseqüentes a Santíssima Virgem falou a Catarina Labouré da fundação duma Associação de Filhas de Maria que depois o Papa Pio IX aprovou a 20 de Junho de 1847, enriquecendo-a com as indulgências da Prima-primária. Espalhou-se pelo mundo inteiro e conta hoje mais de 150.000 Associadas. Leão XIII a 23 de Julho de 1894 institue a Festa da Medalha Milagrosa com rito duplex de 2.ª classe; a 2 de Março de 1897 encarrega o Cardeal Richard, Arcebispo de Paris, de coroar com o seu nome a estátua da Imaculada Virgem Milagrosa que está no Altar-mór da Capela da Aparição, o que se fez a 26 de Julho do mesmo ano.

Pio X não esquece a Milagrosa no ano jubilar: a 6 de junho de 1904 concede 100 dias de indulgência de cada vez que se diga a invocação: «O' Maria, concebida etc. a todos quantos tenham recebido canonicamente a Santa Medalha; a 8 de julho de 1909 institue a Associação da Medalha Milagrosa com todas as indulgências e privilégios do Escapulário azul. Bento XV e Pio XI encheram a Medalha e a Associação de novas graças e favores.

Que rica e preciosa é pois a Santa Medalha que a nossa Mãe do céu nos veio trazer em 1830! E como a devemos estimar e apreciar! Mas crescerá muito mais a nossa estima se soubermos compreender as lições que Maria Santíssima nos quis dar na mesma Medalha. Ei-las em resumo:

No averso vemos a imagem de Nossa Senhora toda bela, toda bondosa, com as mãos carregadas de raios luminosos, os quais segundo Ella mesmo disse, representam as graças que derrama sobre as pessoas que lhas pedem, e toma cuidado de nos dizer, como devemos pedi-las, ensinando-nos a oração: *O' Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós*. A Virgem toda radiante de luz calcando a serpente, lembra-nos a sua Conceição Imaculada, portanto a queda original, o Salvador prometido, etc.

No reverso vemos a cruz, simbolo da Redenção, Maria associada a essa obra divina, mediadora junto de Jesus; a cruz e os dois corações falam-nos de caridade, penitência, mortificação e amor; as doze estrelas lembram o zelo do apostolado e a recompensa que o espera. Não há inscrição deste lado, porque, como Nossa Senhora disse, a cruz, e os corações dizem bastante.

O director nacional é o Rev. P.º Henrique Machado — Vizeu.

Hoje... agora mesmo

Num hospital dos subúrbios de Tolosa (França), definhava-se um pobre soldado, de nação anamita. Preguntado muitas vezes se desejava baptisar-se, respondia invariavelmente: — Amanhã.

Entretanto faziam-se muitas orações pela sua conversão; os seus camaradas católicos, do arsenal, pediam também por elle.

Tantas orações não podiam deixar de ser ouvidas.

Um dia, o doente aproxima-se do capellão do hospital, e posto de joelhos, pede-lhe o baptismo.

Bem se pode supor o alvoroço com que foi acolhida e despachada tão suspirada petição.

Depois do baptismo, exortou o Capellão ao feliz neófito o receber N. Senhor. Ouviu tudo o doente com manifesta commoção de ternura. — Se assim o queres, meu filho, amanhã de manhã te trarei Nosso Pai... A isto acode o recém-baptizado, com illuminada expressão de rosto: — Padre, amanhã não, mas hoje... agora mesmo... Amanhã, quem sabe o que será?

E tinha razão! Depois de comungar, o enfermo pareceu adormecer; mas... para acordar no céu! (facto histórico)

Quantas almas se salvariam voltando-se para Deus com a resolução deste dito neófito: amanhã não; mas hoje... agora mesmo... Amanhã, quem sabe o que será?

Se estás culpado propõe emendar-te, e se não tens culpa, trata de sofrer pelo amor de Deus.

Imit. de Cristo, L. III. Cap. XLVI.

FÁTIMA a Lourdes

Portuguesa

Impressões de viagem pelo Doutor LUIS FISCHER

Professor da Universidade de Bamberg, (Alemanha)

Tradução do Rev. SEBASTIÃO DA COSTA BRITES, pároco da Sé Catedral de Leiria

Preço 5\$00; pelo correio, 5\$70

Este livro muito interessante, cuja primeira edição alemã de 10.000 exemplares se esgotou na Alemanha em 4 meses encontra-se à venda na UNIAO GRAFICA, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa.

na VOZ DE FATIMA, em Leiria e no SANTUÁRIO DE FATIMA.